Arte moderna e contemporânea nas colunas de jornal:

Jayme Maurício e o *Correio da Manhã*

Adriely Correia – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas

Esta pesquisa de Iniciação Científica analisa os escritos do crítico de arte e jornalista Jayme Maurício (1926-1997), atuante no jornal carioca *Correio da Manhã* de 1951 a 1974, quando o periódico encerra suas atividades. Aborda em especial aqueles que têm como tema as exposições artísticas internacionais vindas ao Brasil e procura resgatar os debates e as disputas ao redor delas, sob a ótica do jornalismo cultural.

Nos seus mais de vinte anos de atividade, a coluna de artes plásticas de Jayme Maurício teve frequência variável. Diária e frenética, no estilo crônica jornalística, entre 1950 até a metade de 1960, com declínio em assiduidade e conteúdo nos anos mais severos da ditadura militar, na década de 1970. Seu conteúdo abordava exposições nacionais e internacionais em museus e galerias, trazia entrevistas com artistas, críticos e curadores, e discutia a recepção geral às tendências artísticas em voga.

Jayme Maurício possuía vínculo especial com o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), já que uma de suas fundadoras e diretora, Niomar Moniz Sodré, era também proprietária do *Correio da Manhã*. O Museu recebeu muitas mostras internacionais no período demarcado e foi espaço de encontros e de conferências diversas, além de receber com frequência delegações nacionais de países participantes da Bienal de São Paulo.

Em relação à crítica das exposições internacionais na coluna de artes plásticas de Jayme Maurício, é notável que a densidade de seu conteúdo variava ao sabor da influência que o país visitante tinha sobre o Brasil; ao mesmo tempo em que a exposição em si, seu conteúdo, sua apresentação e seus articuladores eram também meio de potencializar tal influência. Tal conjuntura insere-se dentro das disputas da Guerra-Fria, que permeiam o campo artístico no período.

É na crítica e na divulgação sobre a bienal paulista que os debates e as disputas se intensificam nos escritos de Jayme Maurício. O volume de matérias sobre a Bienal de São Paulo representa quase metade da nossa pesquisa, quantidade coerente partindo do pressuposto de que a Bienal é um movimento do Brasil - ou ao menos de seus articuladores, representantes da classe empresarial paulistana, assessorada pela classe intelectual/artística– rumo a se afirmar no circuito artístico internacional. Para além de uma reunião significativa de entrevistas e de comentários sobre a Bienal, a coluna de Jayme Maurício conduziu, em suas edições do final da década de 1950 e anos 1960, expressivo debate crítico em relação à mostra internacional de maior peso fora dos centros hegemônicos até então, acompanhando os desdobramentos da Bienal e da política brasileira que culminaram na X Bienal em 1969, conhecida pelo boicote em reação à perseguição política a críticos e artistas brasileiros.

Assunto pertinente para Jayme Maurício era a proposta de uma Bienal de São Paulo para além de um "acontecimento limitado ao consumo das elites culturais e sociais". Acompanhamos constantes propostas de maior pedagogia na mostra que nos revelam sua preocupação recorrente, compartilhada por outros colegas de profissão, sobre o acesso da bienal pela população brasileira e sobre sua subserviência aos grandes centros artísticos internacionais.

Acessar PDF completo



Adriely Correia da Silva
Bolsista Fapesp de Iniciação Científica
Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas